

## **“Nem todo mundo” uma ova: Uma análise sobre violências, racismo e silêncio no Brasil<sup>1</sup>**

Rafaela Silva<sup>2</sup>

Kleber Mendonça<sup>3</sup>

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### **Resumo**

Sob a perspectiva do racismo como parte da estrutura brasileira, o trabalho a seguir propõe, através de análises de discursos em coberturas telejornalísticas e da escrevivência (EVARISTO, 1996) da autora, um debate acerca dos conceitos sobre violências. Visando compreender como esses fenômenos podem se apresentar dentro do conceito que assimila o silêncio como produção de sentido (ORLANDI, 1997), e como se refletem na construção das identidades de sujeito negros, no que é considerado conhecimento a partir da discussão dos espaços geográficos de saber (MASSEY, 2008) e do que é aceito como conhecimento científico relevante (ANZALDÚA, 2008), dentro e fora da academia.

### **Palavras-chave**

Racismo Estrutural; Análise de Discurso; Escrevivência; Silêncio; Violência Urbana;

### **Corpo do Texto**

O presente trabalho se debruça sobre como o racismo é peça fundamental na compreensão das violências no Brasil. Começando por uma concepção de que o racismo não

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Graduanda em Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense (UFF), e-mail: [silvarafaela@id.uff.br](mailto:silvarafaela@id.uff.br)

<sup>3</sup> Professor orientador do trabalho. Professor do Curso de Estudos de Mídia e do Programa de Pós-graduação de Comunicação da Universidade Federal Fluminense e Coordenador do Núcleo de Estudos de Violência e Comunicação (NevCom) e do Projeto de Pesquisa e Extensão Quem Sabe de Mim Sou Eu: consciência crítica, autonomia e inclusão produtiva de jovens em vulnerabilidade social pela Universidade Federal Fluminense com apoio da Prefeitura Municipal de Niterói. e-mail: [klebermendonca@id.uff.br](mailto:klebermendonca@id.uff.br)

é um fenômeno amorfo, tampouco corriqueiro, trilhamos o caminho de que ele é estrutural (ALMEIDA, 2019) e se apresenta em diversas linguagens.

Através da análise discursiva investigamos três casos onde podemos notar como as coberturas telejornalísticas sofrem certa incidência na maneira como reportam as notícias protagonizadas por pessoas negras que sofrem violência, refletindo e representando em algum nível as identidades desse grupo. Os casos analisados são o de uma criança que entra em uma doceria e é confundida com um pedinte, de um rapaz que é acusado de roubar uma bicicleta elétrica e de um morador de favela que é morto no quintal de sua casa. Os veículos que noticiam esses casos são distintos, sendo duas emissoras de televisão aberta (Tv Globo e Band) e alguns *inserts* das coberturas feitas por sites jornalísticos (G1 e Catraca Livre). A partir disso, observo qual o papel das narrativas telejornalísticas dentro dessa estrutura midiática que apreende os contextos, as identidades e os espaços a partir de conceitos desenvolvidos ainda no período da colonização (FANON, 2020).

Esse trabalho também conta com um percurso de escrivência (EVARISTO, 1996) que se incorpora à metodologia para pensar como, em certa medida, os processos de produção de conhecimento científico também foram embebidos por percepções embranquecidas do que é elegível como conhecimento relevante e o que não é (MASSEY, 2008). Desenvolvendo a noção sobre o que é conhecimento cientificamente relevante, nos defrontamos com os limites espaciais às quais essas produções são limitadas, segregando esse tipo de conhecimento a um espaço geográfico específico, onde o acesso e a elaboração são controlados por um grupo.

Essa discussão sobre território se alonga até chegar ao debate sobre os espaços físicos que são designados, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, às pessoas de acordo com sua racialidade. Logo, a própria construção sobre os usuais frequentadores ou moradores de determinados espaços, coopera na construção da narrativa sobre os sujeitos, além de apoiar discursos que se baseiam nesses territórios para estereotipar grupos, como é no caso das favelas (VALLADARES, 2015). Nesse sentido, a minha subjetividade, que surge quando me ponho como auto objeto por meio de memórias pessoais e pela escolha consciente do uso da minha língua e não a do opressor (HOOKS, 2013), aqui não só cumpre a função de

amparar a análise sobre uma possível sistematização nas formas como o racismo se verte nas narrativas, nas imagens, no silêncio e nas escolhas, mas também para propor uma forma de produção de conhecimento que age politicamente pelo viés da insubmissão e, por que não, também da poesia.

É necessário salientar que com base nessas análises, iniciamos a discussão sobre violências com a finalidade de perceber onde e como ela é apontada, reconhecida e combatida. Busco compreender como e quando as violências são nomeadas ao serem cometidas por negros e negras e, se, ao inverter essa perspectiva, há uma mudança na maneira de serem identificadas (MISSE, 2008). Os pontos do racismo estrutural se encaixam justamente a partir daí, onde podemos analisar tratamentos semelhantes a um grupo específico de pessoas, independente de contexto.

Esse trabalho supõe que o racismo distorce e molda a nossa visão sobre negros e negras por meio da prática significante (HALL, 2016), homogeneizando essas identidades até que se enquadrem em um significado único, por vezes, direcionados à categoria de “coisas” (CHAUÍ, 2007) e não mais de sujeitos. A partir daí, a sociedade e a mídia reservam a essas pessoas a condição de “eles” (CHAUÍ, 2007), passo importante para o entendimento comum de como as violências surgem e do que são ações violentas. Serve também para elaborar as definições do que são as próprias violências em si.

O não-verbal, o silêncio e a escolha de palavras também podem ser instrumentos para realizar violências? Há no silêncio, potencialidades discursivas (ORLANDI, 2005). Compreender que a produção de sentido pode se dar também através do silêncio ajuda a perceber como, mesmo a sugestão de algo, que não se enuncia em palavras explicitamente, significa algo. Partindo dessa linha de raciocínio, sugiro um debate sobre como o silêncio pode ser usado como uma ferramenta de violência, englobando conceitos como a língua-de-espuma (ORLANDI, 1992) e de como ela se relaciona com o racismo velado, sendo desenvolvida e utilizada por pessoas brancas a fim de silenciar. Com base em tudo isso, o objetivo desse trabalho é identificar e nomear as técnicas que o racismo faz uso para introjetar violências ao longo do cotidiano, seja nas discursividades entre pares, seja nas

mídias televisivas. Assim, poderemos pesquisar formas para, se não superar, ao menos subverter essas violências apontadas.

Investigo as tecnologias utilizadas para que a violência possa atuar no silêncio do dia-a-dia, baseando-me em autores e autoras como Silvio de Almeida (2019), Conceição Evaristo (1996), Stuart Hall (2016), Marilena Chauí (2007), bell hooks (2013), Frantz Fanon (2020), Eni Orlandi (2005, 1992) e outros pensadores que ajudam a pensar e cruzar os temas das violências, conhecimentos, identidades e racismo. Ao longo das análises, nota-se com nitidez o quão rígidos e, ao mesmo tempo, maleáveis, são os tecidos que constroem as relações cotidianas e como essas auxiliam na estruturação dos estereótipos de negros e negras subjetivamente, em suas identidades e nos espaços. O quanto de uma boa dose de omissão, anunciada como imparcialidade por parte dos telejornais, ajuda a nutrir memórias e ideias fundantes da concepção de quem são os sujeitos pretos e pretas. Definições que não só sustentam esses estereótipos para outros grupos raciais que povoam a sociedade, mas também entre esses sujeitos pretos e pretas, afetando diretamente suas próprias experiências de encontro a sua negritude.

O trabalho ainda está em desenvolvimento, mas tem como sua base propor uma observação, uma análise e uma discussão às questões que envolvem o olhar social e telejornalístico a respeito das violências por vezes silenciosas que pessoas negras sofrem cotidianamente, sem recorrer aos espaços tradicionais da academia. Os debates levantados ao longo do trabalho são, acima de tudo, uma busca sincera em reconhecer as violências para, dessa vez, não enxergarmos esse grupo a partir do racismo, e sim, apesar dele (ALMEIDA, 2019).

Tomo o trabalho que venho realizando como o início dessa pesquisa sobre os efeitos do racismo na nossa percepção e na nossa construção sobre as violências, no geral. Sobre como operar o cotidiano através das tecnologias desenvolvidas pelo racismo, desvia nossa capacidade enquanto sociedade de reconhecer e questionar algumas violências, e violenta a capacidade de formação e elaboração das identidades e dos conhecimentos de pessoas negras. Tratar o racismo como um fenômeno que cunha nossa compreensão sobre as violências,

como um processo estruturante que define pessoas negras e suas ações, pode contribuir para a discussão mais ampla de sentidos como identidades, conhecimentos e violências.

## Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. In: *Feminismos Plurais, Coordenação Djamila Ribeiro*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo**. In: *Ensaio: Estudos Feministas*. Santa Catarina: Periódicos UFSC, v. 8, n. 1, p. 229-235, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Democracia e autoritarismo: O mito da não violência**. In: *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, v. 3, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: Uma poética de nossa afro brasilidade**. Rio de Janeiro: PUC, 1996.

FANON, Frantz. **Pele negras, máscaras brancas**. Bahia: EDUFBA, v. 1, 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio: Apicuri, v. 1, 2016.

HOOKS, Bell. **A língua**. In: *Ensinando a Transgredir*. São Paulo: WMF Martins Fontes, v. 1, p. 223-233, 2013.

MARTINS, Leda. **Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória**. In: *Língua e Literatura: Limites e Fronteiras*. Rio Grande do Sul: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras UFSM, n. 26, p. 63-81, 2003.

MASSEY, Doreen. **Geografias da produção do conhecimento 2: lugares da produção do conhecimento**. In: *Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 5, p. 206-209, 2008.

MISSE, Michel. **Dizer a violência**. In: *Violência: expressões na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Revista Katálisis, v. 11, n. 2, 2008.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. Belo Horizonte: Editora Pontes, v.1, p. 36-42, 2005.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Niterói/RJ – 01 a 03/06/2023

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos.** São Paulo: Editora da UNICAMP, v.2, 1992.

VALLADARES, Lícia. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com.** Rio de Janeiro: Editora FGV, v. 1, 2015.